

Quinze minutos
para o pôr do sol

ISABELA FREIXO

Quinze minutos
para o pôr do sol

해질녘까지 십오분



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2024 por Isabela Freixo

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

F938q

Freixo, Isabela

Quinze minutos para o pôr do sol / Isabela Freixo. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2024.
320 p.

ISBN 978-65-5988-349-3

1. Ficção cristã. 2. Ficção brasileira. I. Título.

24-92746

CDD: 869.3
CDU: 82-97(81):27

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Edição
Daniel Faria

Revisão
Ana Luiza Ferreira

Produção
Felipe Marques

Diagramação
Gabrielli Casseta

Colaboração
Guilherme Lorenzetti

Ilustração de capa
Mariana Correia

Capa
Jonatas Belan

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Literatura

1ª edição: setembro de 2024

*Para todos os que aguardam
o verdadeiro final feliz.*

*Do nascente ao poente,
seja louvado o nome do SENHOR!*

Salmos 113.3

ALERTA DE GATILHO

Este livro aborda, ainda que superficialmente, temas sensíveis, como traição, luto, xenofobia e racismo. A leitura não é recomendada para menores de 12 anos.

Para uma melhor experiência de leitura, abra o aplicativo do Spotify, vá em “Busca”, clique no ícone da câmera e aponte seu smartphone para o código abaixo, a fim de conferir a playlist do livro.



Cada música corresponde a um capítulo específico (a primeira música ao primeiro capítulo, e assim por diante). Aproveite!

Quinze minutos para o pôr do sol

해질 녘까지 십오분



1

Quando tudo foi pelos ares

E viveram felizes para sempre. É assim que esta história termina, ou, pelo menos, era a minha esperança. Mas não vamos pôr o carro na frente dos bois. Deixe que eu primeiro me apresente: Monalisa Machado, a protagonista — porque já não sou tão jovem para ser chamada de mocinha —, muito prazer.

Foi no dia 4 de junho de 1993, às 14h de um dia ensolarado de fim de primavera, que tal personagem nasceu. Brincadeira! Não vou bancar a narradora que relata os fatos tão do começo assim. O que interessa para esta história são os acontecimentos da véspera desse dia, mas trinta anos depois. Mais precisamente, no banco de trás de um Toyota Auris.

— Obrigada, obrigada, obrigada! — Carol dava beijinhos na minha bochecha. Os dedos longos, ainda melados de Toblerone do Free Shop, seguravam o meu rosto com força. — Olha só para esse lugar! — e me largou, voltando-se para a janela do carro em movimento. — Aiiiiiiii! Tô tão feliz, tão feliz!

O sorriso ia de orelha a orelha e, com o dia lindo colaborando, acabei sendo contagiada. Não havia uma única nuvem no céu azul, e a cidade do Porto nos saudava com muitas cores em suas construções, nas quais antigo e novo se fundiam em grande beleza.

— Eu nunca vou agradecer o suficiente por você me trazer aqui, Lisa.

— E não precisa — respondi. — Estou feliz de ter você comigo.

— Esses vão ser os melhores dias da nossa vida! — ela prometeu com o rosto colado ao vidro.

O motorista, mais uma vez, nos encarou pelo retrovisor como se fôssemos duas loucas. Na verdade, ele nos olhava com estranheza desde a saída do aeroporto. Não o condeno, estávamos mesmo mais eufóricas que o normal. Ele havia parado o carro para que uma senhora atravessasse a rua, próximo à comprida Praça da Liberdade, em direção à estação dos comboios São Bento. O apart-hotel, reservado poucos dias antes, ficava mais à frente, perto do Cais da Ribeira.

— Ah, olha ali o McDonald's que eu vi no Instagram! — Carol apontou. — Podemos parar aqui? Quero muito conhecer e estou com tanta fome!

— Sua primeira refeição na Europa não pode ser fast-food, Carolina.

— Ah, por favor, amiga, eu tô doida pra conhecer esse lugar — ela completou e, abrindo a porta, desceu do carro.

Eu me desculpei com o motorista antes de sair atrás dela. Pegamos as malas no bagageiro enquanto eu murmurava baixinho, ouvindo algumas buzinas e desaforos dos carros que ficaram bloqueados pela nossa súbita mudança de planos.

Atravessamos na direção do restaurante. As mesas do lado de fora estavam todas lotadas, e a maioria das pessoas ali pareciam ser turistas como nós. Passamos por entre algumas delas com nossas malas trepidando nas pedras da calçada até alcançarmos a porta.

Carolina sacou o celular do bolso do jeans e fotografou a fachada imponente do restaurante instalado no que um dia fora o Café Imperial, uma construção dos anos 1930. Agora, sob a

grande estátua de um pássaro cuja espécie eu não consegui identificar, havia o nome da rede de fast-food mais famosa do mundo em letras douradas, acima da porta de entrada, onde duas pilstras sustentavam um grande arco de pedras e alguns vitrais.

— Não é à toa que chamam de “o McDonald’s mais bonito do mundo” — ela pontuou enquanto conferia a foto.

— Você ainda nem viu por dentro.

— Mas olha só essa entrada! — E fez mais algumas fotos.

Um grupo de garotas francesas passou por nós, e a loira e mais alta delas esbarrou em meu ombro. Com meu francês enferrujado, compreendi parte do comentário feito para as amigas sobre *as duas idiotas que bloqueavam a passagem*.

Olhei para nossas bagagens no meio do caminho. Éramos *mesmo* duas idiotas bloqueando a passagem, com duas malas cada — uma de porão e outra de mão — e, para piorar, as minhas ainda tinham estampas de vaquinha. Senti o rosto esquentar.

Para que Carolina me fez descer do carro?

Faltava tão pouquinho para chegarmos ao apartamento, mas, com quatro malas e com as pedras das calçadas, o caminho seria longo. Ainda assim, me esqueci disso quando entramos no estabelecimento. A beleza interior do local me transportou para uma cena de novela de época das seis da tarde, com vitrais coloridos, lustres de cristal e espelhos por toda parte. Era uma bela distração que me fez esquecer também meu estado emocional nas últimas semanas. Uma pena que todo esse meu bom humor foi arruinado pelos fatos que ocorreram em seguida.

Filas longas e desorganizadas circundavam as telas de autoatendimento, obrigando-nos a ir direto ao balcão para fazer o pedido como nos velhos tempos.

— Deixa que eu peço — Carolina falou com um sorriso empolgado na voz.

Desde o momento em que tínhamos embarcado na aeronave da TAP, ela havia feito questão de ser a porta-voz das nossas férias e assim *falar com nativos*, como havia explicado aos risinhos logo no começo da viagem. E estaria tudo bem se ela não tivesse tanta dificuldade para entender o sotaque carregado do norte de Portugal, ou ao menos se me desse ouvidos em vez de cometer o erro número um dos brasileiros que visitam terras lusitanas pela primeira vez.

— Bom dia, moça. Dois trios do Big Mac, por favor.

— *Pá* comer cá ou *take away*? — perguntou a atendente do lugar numa tacada só e com a cara pouco amistosa.

— Desculpa, moça — disse Carol. — Não entendi...

— Vamos comer aqui — interrompi.

Do outro lado do balcão, a funcionária registrou o pedido na tela e, sem erguer os olhos para nós, lançou:

— Numerário ou cartão?

— Como é, moça?

— E ainda insiste com isso... Fogo! — murmurou a mulher para a colega ao lado e revirou os olhos.

— Vai ser no cartão — eu me intrometi de novo. Puxei o bendito cartão e o enfiei de uma vez na maquininha. Entre os dentes, expliquei a Carol pela segunda ou terceira vez que, para os portugueses, *moço* e *moça* significam *criado* e *criada*; logo, eles detestam ser chamados assim.

Quando os pedidos saíram, tudo ficou pior. Não achamos lugar para sentar, o que nos obrigou a permanecer de pé com as bandejas e malas no espaço abarrotado de turistas. A única coisa boa foi a limonada de morango geladinha para aplacar o calor. Bebi com o copo ainda apoiado na bandeja, as malas estacionadas entre mim e Carol. Mas, antes de consumir a metade da bebida, o copo despencou após um esbarrão em meu ombro, espalhando todo o conteúdo nos meus tênis novinhos.

— Acho melhor irmos embora — Carolina disse com um sorriso forçado. — Vou pedir pra embrulhar para viagem.

Instantes depois, nossos lanches intocados estavam guardados na mala de mão de Carol e deixamos o restaurante rumo ao destino do qual não deveríamos ter desviado. O apart-hotel em que nos hospedaríamos tinha uma localização privilegiada, em uma rua paralela ao rio Douro, próximo à Praça da Ribeira. Levaria só uns dez minutos de caminhada, porém o trajeto foi caótico como o previsto, considerando que éramos duas mulheres, quatro malas e duas bolsas a tiracolo driblando pessoas em uma ladeira com mais de um trecho em obras. Para piorar, havia os pombos, as intermináveis pedras da calçada, o sol quente e a minha enxaqueca de sempre martelando a cabeça de dentro para fora.

Tudo isso foi arrematado pela melodia de “Loucura”, da famosa fadista portuguesa Mariza, cantada com todo o sofrimento típico daquele gênero musical por uma menina de cabelos cacheados fartos, acompanhada por dois instrumentistas, do outro lado da extensa rua. O som se erguia sobre nós, intensificando-se pelos alto-falantes de um equipamento improvisado.

Carolina se recolheu em um silêncio de culpa e se manteve atrás de mim por todo o trajeto. E eu a teria ignorado até chegarmos ao endereço, se ela não tivesse liberado um grito agudo e repentino.

Assustada, parei no meio da travessia de uma rua transversal e olhei para trás. Um pombo dava um voo rasante rente a ela, que havia largado as malas e se encolhido com as mãos sobre a cabeça. Ainda estava parada na calçada, beirando a esquina.

— É só um pombo! — gritei do meio da rua e ouvi uma buzina alta.

Virei-me depressa na direção do som e, em uma fração de segundo, um vulto veloz e amarelo me atingiu como flecha, enquanto um barulhão rasgava o ar acima do fado. O tempo parou, e os edifícios, de um lado e do outro da rua, começaram a

escorregar em um ângulo de 45 graus. Tecidos das mais diversas texturas pipocaram para o alto, ao meu redor, indo em todas as direções numa explosão colorida e fluida sob o céu do Porto. A voz da minha amiga a gritar meu nome com um *i* bem comprido soou distante, sem fim, e outras tantas vozes dos transeuntes se somaram àquela, igualmente lentas.

Mas uma voz específica se sobressaiu. Próxima, forte e grave:
— *Aish!**

A expressão conhecida dos muitos k-dramas a que já havia assistido foi a última coisa que ouvi antes de minhas costas se chocarem contra o chão e a dor irradiar por todo o meu corpo, fazendo o tempo finalmente voltar a correr da forma habitual.

Apertei os olhos para ajustar o foco.

Os edifícios não tinham escorregado, tampouco havia explosão de cores alguma. Na verdade, um homem em uma Vespa amarela acabava de atropelar a minha mala, e 23 quilos de roupas, acessórios, maquiagens, calcinhas e sutiãs foram espalhados pelos paralelepípedos largos, sobre os quais eu também caí, em uma confusão nada fluida de texturas e cores.

— Você é maluca, por acaso? — ele perguntou em inglês com sotaque coreano ao se colocar de pé, depois ergueu o veículo de duas rodas. — Por que ficou parada no meio da rua feito um poste? Poderia ter causado um acidente mais grave!

Dito isso, o homem tirou o capacete e jogou a franja para trás. Então, estendeu a mão com a maior naturalidade do mundo para me ajudar a me levantar, como se não tivesse acabado de mandar minha mala pelos ares ou me chamar de maluca.

— Idiota! — devolvi no mesmo idioma ao acertar a mão dele com um tapa e me levantei sozinha, dando alguns passos para

* *Aish* é uma romanização da palavra 아ㅣㅣ씨, interjeição coreana que expressa susto ou reclamação.

trás. — Você apareceu do nada com essa coisa — aponte para a Vespa.

Ele deu dois passos largos até mim, o que deixava entre nós um espaço ridículo, de tão mínimo.

— Eu não apareci — defendeu-se, e o hálito de menta acertou o meu rosto.

Baixei os olhos para evitar o contato visual e, em um segundo, chequei as roupas de trabalho dele: calça jeans larga bem surrada, botas Caterpillar e um colete verde-musgo cheio de bolsos sobre uma camiseta cinzenta. Mas ele cheirava bem, como quem ainda não tinha começado o expediente. Usava um perfume cítrico conhecido cujo nome não me lembrei.

— Eu virei a esquina na mão correta e em velocidade adequada — prosseguiu —, mas uma doida qualquer estava parada no meio da rua.

O desaforo me obrigou a esquecer a proximidade. Voltei a encará-lo e me coloquei na ponta dos pés para olhar dentro dos olhos dele.

— Veja como fala comigo, você não me conhece! — o indicador em riste e o inglês despertando de um sono profundo.

Sustentando meu olhar, o homem ergueu o braço direito acima da minha cabeça, e eu preendi a respiração.

Olhei de relance para aquela junção de músculos rijos e veias sobressaltadas com uma grande cicatriz na parte interna, do pulso até quase a altura do cotovelo. Engoli em seco, tentando não me mover nem parecer assustada, então olhei de novo para o rosto dele.

O que esse cara está fazendo?, pensei sob a mira daqueles olhos escuros.

— Acho que isso é seu — ele disse num tom irônico ao desprender uma calcinha de renda azul-bebê consideravelmente grande que havia se enroscado na presilha do meu cabelo.

Tomei a peça da mão dele com tanta força que quase a rasgou, e a sombra de um sorriso surgiu no rosto daquele abusado.

Antes que eu pudesse descer a mão na cara dele, Carolina me puxou pelo braço, me fazendo desviar o olhar.

— Você está bem, amiga?

Atordoada, não respondi. Apenas comecei a recolher os meus pertences com uma das mãos enquanto a outra massageava a testa latejante. Extravasava em português e aos gritos toda a minha raiva, em contraste com Carol, que, em silêncio, se agachou ao meu lado e passou a me ajudar.

De repente, alguma coisa foi arremessada contra o meu rosto, cobrindo parcialmente a minha visão. Toquei a malha fria e a puxei para baixo. Era uma camisola de estampa de vaquinha, parte da minha coleção de pijamas nesse padrão.

A poucos metros, o cretino já montado na Vespa tinha no rosto um risinho irritante.

— Olha por onde pasta! — ele gritou em português, deu a partida e sumiu rua abaixo.

— IMBECIL!

Levou um bom tempo até minha amiga e eu recolhermos tudo e guardarmos na mala, que já não fechava. O zíper havia arrebatado durante a colisão, mas Carol resolveu o problema amarrando com os cadarços do tênis dela.

— É o mínimo que eu posso fazer depois de tudo o que causei — concluiu, e eu a encarei. — Desculpa, amiga. E deixa que eu levo pra você.

Tomei a mala da mão dela com um puxão e segui o caminho literalmente ladeira abaixo, sendo seguida por uma Carolina tão silenciosa quanto possível em meio a alguns *ais* e *uis* por conta de um ou outro obstáculo.

Chegamos ao nosso destino e, apesar do meu humor arruinado, não pude evitar parar por um instante para apreciar a fachada

do edifício histórico e encantador em que nos hospedaríamos. Princesinha da Ribeira: uma construção de quatro andares revestida por azulejos cor-de-rosa. Pedra marfim tradicional portuguesa emoldurava cada uma das cinco janelas de madeiras brancas em todos os pavimentos, com vasos de flores coloridas pendurados nas sacadas. No segundo e no quarto andar, em vez de janelas, havia portas que davam para varandas cercadas de ferro forjado, e eu me lamentei mais uma vez por só ter encontrado vaga em um apartamento do terceiro andar.

Carolina não se conteve e passou à minha frente, adentrando a porta principal de madeira branca sob um dos arcos de pedra que davam para a rua e arrematavam a estrutura do térreo, como a maioria dos edifícios da rua. A pequena recepção em tons claros estava vazia, mas, como eu já tinha o código de acesso da porta que o gerente havia me enviado por e-mail, passamos direto para as escadas.

Vou pular o enfado causado por subir três lances de degraus com toda aquela bagagem.

— Uau! Quem diria que esse prédio antigo teria um apartamento tão moderno — Carolina comentou ao entrar na sala de estar em estilo industrial.

Eu a segurei pelo ombro.

— Paradinha aí! — e apontei para os pés dela.

Revirando os olhos, Carol tirou os tênis sem cadarços e os ajeitou junto à porta pelo lado de dentro. Largou a bagagem de qualquer maneira pela sala e correu para o quarto.

— Uma cama de casal? De que lado eu posso ficar?

A janela do quarto rangeu ao ser aberta por ela.

— Tanto faz! — respondi e esfreguei minha região lombar, dolorida pela queda de minutos antes.

Pinguei na mão duas gotinhas do óleo essencial de lavandas que sempre carrego na bolsa, esfreguei as mãos e inspirei o aroma

para aplacar a enxaqueca. Abri a janela da sala e dei com as flores amarelinhas suspensas sob o parapeito, que ficavam no chinelo se comparadas com as que vi abaixo de mim na varanda do segundo andar. O chão da pequena sacada estava coberto por vasos de florezinhas lilases. Lavandas, para minha alegria. O dono ou a dona do apartamento mal conseguia andar por ali, eu supus, de tantos vasos que tinha, mas me proporcionava uma bela vista.

Fui até a cozinha, integrada com a sala, abri a geladeira, me servi de um copo d'água e tomei um analgésico, depois me encaminhei para o banheiro já abrindo o zíper da calça. Fechei a porta e tateei no escuro do cômodo sem janela à procura do interruptor. Como não o encontrei, tornei a abrir a porta para a luz natural entrar. Para a minha surpresa, não havia interruptor. Com a calça jeans arriada e de braços erguidos para cima, dei alguns pulinhos no cubículo para tentar acionar o acendimento automático. E nada.

— O que está fazendo? — Carolina questionou.

Ergui os olhos e a encontrei parada à porta aberta. Estava de braços cruzados e comprimia os lábios para não rir da cena.

— O que parece que estou fazendo?

— Pulando seminua num banheiro escuro?

— Não estou nada seminua! — Virei de costas e ergui minha camiseta comprida para comprovar, revelando a estampa de um *smile* amarelo sobre o tecido turquesa da minha roupa íntima. Em seguida, tornei a me virar para ela. — É a luz que não quer acender.

— Quer que eu vá ver na recepção?

— Não tinha ninguém lá. Já vou enviar uma mensagem para a gerência. Agora pode me dar um pouco de privacidade, por favor?

Carol deu uma risadinha e foi em direção ao quarto. Tirei o celular do bolso da calça, busquei o contato “Edifício Princesinha da Ribeira” e enviei uma mensagem.

“Não há problema algum com a luz da casa de banho”, foi a resposta que recebi da administração do prédio.

— Mas o quê? É claro que há! — falei em voz alta ao digitar com fúria: — “A luz não acende.”

“Garanto que acende”, a pessoa tornou a responder.

Na minha nova mensagem, insisti que enviassem alguém para checar e solucionar o problema.

Minutos depois, duas batidas à porta.

Corri para abrir e...

— Você? — escapou dos meus lábios. O homem da Vespa, sem mostrar qualquer espanto ao me ver, tirou as botas e entrou.